



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

ENÉAS SOUZA JÚNIOR

Vida Danificada

Brasília

2023

ENÉAS SOUZA JÚNIOR

Vida Danificada: De Marx a Adorno

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Tedéia.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais e a minha maravilhosa esposa que me apoiou constantemente nessa reta final da graduação.

Agradeço aos camaradas dos grupos de estudos Teresa Filósofa, Grupo Marx e Grupo de Formação do Brasil. Sem dúvidas foram importantes e continuarão me impulsionando como professor de Filosofia.

Agradeço a todos os professores, com dedicação especial ao meu orientador.

"Es gibt kein richtiges Leben im falschen"
"Não há vida correta na falsa"

Theodor W. Adorno

Resumo

Esse trabalho tem como objetivo fazer um levantamento histórico do que vem a ser a vida danificada em Theodor Adorno. Para tanto passaremos por Marx em *Ideologia Alemã*, onde fará uma análise empírica das relações e condições, de produção e necessidades humanas. Em seguida passaremos por *O Capital*, com o intuito de perceber a influência do advento da maquinaria e a grande indústria, também nessa questão. E por fim adentraremos na obra de Adorno e Horkheimer *Dialética do Esclarecimento*, consolidando ao que o autor vem chamar de Vida Danificada em sua obra *Minima Moralia*.

Palavras-Chave: Adorno. Marx. Vida Danificada. Esclarecimento. Trabalho. Reificação.

Sumário

Introdução.....	8
Capítulo 1 – Da crítica marxista.....	10
Capítulo 2 – Do esclarecimento à vida danificada.....	14
2.1 – Indústria Cultural.....	16
Conclusão.....	19
Referências.....	23

Introdução

Esse trabalho foi construído para que possamos entender a ligação entre o progresso humano e seus danos para a vida social. Mais especificamente usaremos o conceito adorniano de vida danificada, para que possamos entender e nos munir de ferramentas filosóficas para lutarmos contra essa reprodução prejudicial da sociedade contemporânea.

Assim, no primeiro capítulo faremos um diálogo com a obra de Marx e Engels, *Ideologia Alemã*, para ter o norte basilador de que o homem está dentro de uma sociedade que é profundamente influenciada pelas mudanças históricas e culturais. Essa herança agrega ao seu convívio social toda uma estrutura já pré-determinada que a medida que seu poder social aumenta cada vez mais ela se revelará.

Ainda no primeiro capítulo trabalharemos com *O Capital* para analisarmos as primeiras fábricas e suas consequências sociais. Nesse ponto destacaremos o começo das “leis trabalhistas”, ainda muito precária, pois defendiam muito mais os donos das fábricas do que os trabalhadores. Assim, vamos analisar também como o tecido social fora modificado a partir desse acontecimento, que para alguns foi revolucionário e para outros apenas reproduziu mais barbáries.

No capítulo dois faremos a conexão direta com a obra de Adorno e Horkheimer, *Dialética do Esclarecimento*. Aqui começamos com o conceito de esclarecimento de Immanuel Kant para que possamos entender em que momento a humanidade se perde, como sociedade racionalizada e com o domínio de novas técnicas com os variados avanços tecnológicos conquistados.

A questão da Indústria cultural constitui uma sub-parte desse capítulo dois. Pois é com ela que trabalharemos de forma incisiva o que vem a ser a vida danificada propriamente dita: as implicações da mesma no trabalho, no lazer e na vida geral. Esse recorte amplo é necessário por se tratar de um tema que, de fato, impregnou todos os estamentos da vida social.

Concluindo, fecharemos nosso estudo com o otimismo de que a única saída para não termos novos episódios como *Auschwitz* está na educação. Mas não na

educação que consegue justificar injustiças para que pequenos grupos, detentores do poder, se mantenham no controle de grandes e vulneráveis grupos sociais.

Essa educação possui dois momentos. O primeiro é que a educação proposta é baseada no cuidado para que não se explore o ensino enciclopédico, mas que tenha o cuidado crítico para a melhor interpretação dos fatos históricos. O outro é que haja o princípio moral de que o compromisso para que momentos históricos como os campos de concentração não se repita. Isto é, como podemos responder de forma concreta a pergunta que Adorno fará em suas análises: *É possível fazer poesia após Auschwitz?*

Capítulo I

Da crítica Marxista

[...] na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. [...] O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual.¹

Para entendermos essa concepção de que o homem contrai os momentos históricos que o define devemos entender a crítica que Marx e Engels dirigem a Feuerbach. Nessa crítica Feuerbachiana o homem é um mero contemplador do mundo sensível, sendo assim, independente das mudanças históricas que o moldam². Assim, nessa concepção o homem está isolado e não inserido em um contexto histórico que o direciona e que o define.

Por outro lado, a crítica de Marx e Engels, na *Ideologia Alemã*, vai de encontro a essa ideia por concluir que na verdade o homem, antes de tudo, é fruto do desenvolvimento de suas gerações anteriores que foram passando por momentos de transformações, profundas ou superficiais, lentas ou rápidas.

Analisando os indivíduos de uma sociedade em suas ações reais podemos elencar pressupostos empíricos que constatam que as condições materiais de vida, as produzidas e as que já estão dadas, são produzidas de suas ações³. Dessa tese podemos retirar que toda historiografia humana passa por fundamentos naturais e suas mudanças são ações produzidas pelos próprios. Essas ações culminarão na capacidade do homem se desenvolver a ponto de produzir seu próprio meio de vida material⁴.

¹ Os Pensadores, Marx, cit., p.129

² Marx & Engels, *Ideologia Alemã*, p.30.

³ Marx & Engels, *Ideologia Alemã*, cit., p.38.

⁴ *Ibidem*, p.39.

O modo como essa produção se dar obedecerá, num primeiro momento, o modo produtivo já instituído em sua vida social e que necessita apenas ser reproduzido de modo contínuo. Mais do que um mero produzir todo esse processo envolve a forma como esses indivíduos se apresentam externamente ao mundo. É a forma de como eles expressam um modo de vida já determinado, cristalizado, por relações que os antecedem. Logo, essa forma de se expressar ao mundo coincide com o que produzem e como produzem, isto é, eles são determinados pelas condições de produção material que lhes são impostas⁵.

Ser ativo nesse tipo de relação faz com que os indivíduos necessariamente tenham toda a carga política e social, que já estão determinadas, aceitas inevitavelmente. Assim, há conexão entre a estrutura social e política, com a produção⁶. Em consequência o entrelaçamento da produção de ideias e a atividade material, em princípio, estão na relação de intercâmbio do material com a linguagem da vida real⁷. Ou seja, o homem ativo tem seu comportamento determinado pelas forças produtivas determinadas e ao intercâmbio com o real, material, que lhe é apresentado.

Por outro lado, os homens são os produtores de suas ideias e representações, mas esse homem ativo está ligado ideologicamente aos processos de vida que tem como pressupostos os processos de vida material⁸. As complicações acompanharão todas as ideologias, pois a partir de agora elas orbitam a falsa autonomia que o homem ativo pensa ter. Marx descreve bem esse momento quando afirma que “[...] os homens, ao desenvolverem sua produção e seus intercâmbios materiais, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar”⁹.

O processo social anterior que garantiam modos de produção, que se consolidavam espontaneamente e envolvia as particularidades dos seus produtores,

⁵ Idem.

⁶ Idem.

⁷ Ibidem. p.40.

⁸ Idem.

⁹ Idem.

agora estavam reduzidos a um padrão¹⁰. Padrão que necessitava de uma indústria e produção engajadas em dissolver as particularidades produtivas das mãos humanas. Isso aliado a aceleração tecnológica da indústria moderna garante a constante mutação dos modos de produção. Esse novo modelo produtivo da indústria, por meio da maquinaria lança capital e trabalhador, para diversos ramos produtivos gerando múltiplas combinações sociais do processo de trabalho¹¹.

Essa base técnica que está em constante revolução toma os instrumentos produtivos e provoca abalos constantes no sistema social, que é um característico forte e sem precedentes da época burguesa¹². Tudo que fora cristalizado nas antigas relações sociais se esfacela e obriga os homens a encarar suas posições sociais¹³. Ora, mas essa nova produção nada mais é do que as antigas relações cristalizadas tomadas pelo modo de produção capitalista, que nessa contradição absoluta, suprime a tranquilidade do trabalhador na relação, meio de trabalho e subsistência, determinando uma nova “lei natural”¹⁴.

De modo totalitário o trabalho assola todas as camadas determinantes da vida. Nesse novo cenário todas as instituições moldam o exército de trabalhadores para que lhes sejam subservientes e passivos. Todas as situações degradantes que existiram nas grandes indústrias como exploração de crianças, mulheres e idosos, foram justificadas pelo Estado e suas instituições em todos os âmbitos possíveis. Um exemplo é a legislação fabril inglesa de 1867, que era escrita por um Parlamento das classes dominantes, ou seja, pelos reprodutores do sistema¹⁵, como vemos na citação de *O Capital*:

A 15 de agosto de 1867, a coroa sancionou a Factory Acts Extension Act e, a 21 de agosto, a Workshops' Regulation Act [Lei para regulação das oficinas]; a primeira lei regulamenta os grandes, a segunda, os pequenos ramos de negócio. [...] A Factory Acts Extension Act, que afeta os grandes estabelecimentos, é inferior à lei fabril devido a um sem-número de exceções miseráveis e compromissos covardes com os capitalistas. A Workshops' Regulation Act, deplorável em seus mínimos

¹⁰ Karl Marx, *O Capital* Livro 1, cit., p.556.

¹¹ *Ibidem*, p.557.

¹² Marx & Engels, *Manifesto Comunista*, cit., p.43.

¹³ *Idem*.

¹⁴ Karl Marx, *O Capital* Livro 1, cit., p.557.

¹⁵ *Ibidem*, p.564.

*detalhes, permaneceu letra morta nas mãos das autoridades citadinas e locais encarregadas de sua aplicação*¹⁶.

Com essa tentativa de regulação crescente começamos a ter algumas mudanças nessas leis fabris, por mais que elas já surgissem de forma defeituosa muitas das vezes¹⁷. Como exemplo pode citar a Lei de 1872, que regulará o trabalho infantil quanto ao horário nas minas e passando a responsabilizar os proprietários pelos acidentes.

É importante salientar que essa tendência de universalização da legislação fabril acontece justamente pela pressão em proteger, físico e espiritual, a classe trabalhadora. Por outro lado essa universalização acelera a transformação dos processos laborais ainda dispersos, ainda sem expressão, para um patamar mais elevado de escala social concentrando o capital e determinando de uma vez por todas o império exclusivo do regime de fábrica¹⁸.

Na agricultura teremos o maior impacto da grande indústria, porque agora o último baluarte da velha sociedade, o camponês, é substituído pelo trabalhador assalariado nivelando as necessidades e os antagonismos do campo para com a cidade¹⁹. Esse impacto é tão grande que até mesmo a estrutura familiar do trabalhador do campo é rompida, pois agora ele perdia o laço familiar que unia agricultura com a manufatura.

Outra consequência é que o solo agora passando por uma exploração maior o seu esgotamento é cada vez mais rápido pelas revolucionárias técnicas de arado²⁰. Sendo assim, todo progresso da agricultura capitalista é desenvolvido em saquear o trabalhador e saquear também o solo, pois assim como tenho a aceleração da produção menor é o tempo que possuo pra preservar a fertilidade para continuidade da produção, exemplo dos Estados Unidos: quanto maior é o avanço da indústria do

¹⁶ Ibidem, p.563.

¹⁷ Karl Marx, O capital, cit. p.570.

¹⁸ Karl Marx, O capital, cit. p.570.

¹⁹ Karl Marx, O capital, cit. p.572.

²⁰ Karl Marx, O capital, cit. p.573.

ponto de vista do seu desenvolvimento tecnológico, mais rápidos são também os seus processos de destruição²¹.

Com essa análise Marx conclui que a produção capitalista só desenvolve a técnica e a combinação do processo de produção social na medida em que destrói as reservas de toda riqueza: tanto a terra quanto o trabalhador²².

Nessa guerra, com as leis e os donos das fábricas, Marx ao fazer sua análise determina que a burguesia não consegue, sem a constante revolução dos seus instrumentos de produção, se manter ativa.

Com isso podemos notar que o desenvolvimento da indústria burguesa permeia todo o tecido social, colonizando-o e tragando-o pra dentro de si, definindo suas regras de maneira totalitária e excludente de modo que toda e qualquer resistência enfrente principalmente a perda da capacidade de se mobilizar e de se impor.

²¹ Karl Marx, O capital, cit. p.573.

²² Karl Marx, O capital, cit. p.573.

Capítulo II

1- Do Esclarecimento à Vida Danificada

“O que propusemos era, de fato, nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie”²³.

Adorno e Horkheimer²⁴, em *Dialética do Esclarecimento*, afirmam que a impossibilidade ética do mundo atual é uma herança do descompasso entre razão e ética no transcurso do esclarecimento, ou seja, duma crítica a “racionalidade esclarecida” do ponto de vista ético²⁵.

Buscando em Kant o conceito proposto pra esclarecimento (Aufklärung), Adorno e Horkheimer, conclui que homem não conseguiu consolidar sua maioria por se nutrir de um esclarecimento ainda mítico, que conseqüentemente gerou uma consciência moral mais dependente aos poderosos mecanismos por meio das quais as sociedades administradas sequestram até os últimos impulsos dos indivíduos tornando-os consumidores compulsórios:

²³ Adorno & Horkheimer, *Dialética do Esclarecimento*, cit., p.11.

²⁴ Alex Thomson reforça essa característica da escrita adorniana: As obras críticas e filosóficas de Theodor Adorno [...] são algumas das mais desafiadoras produzidas no século XX, e desafiadoras em dois sentidos: num sentido mais fraco de que apresentam dificuldades formidáveis de compreensão e interpretação ao leitor, e num sentido mais forte, de que tentam nos forçar a repensar muitas coisas dadas como prontas e acabadas e a questionar a própria possibilidade da filosofia, da arte, e da vida moral no mundo contemporâneo. A escrita de Adorno pode muitas vezes parecer obscura, impenetrável e ameaçadora, e o será sem dúvida para leitores com pouco conhecimento das tradições filosóficas às quais ele recorre. Mais perturbador, no entanto, é o modo como ele costuma confundir o que consideramos senso comum e atacar o que considera serem os rumos dominantes da cultura.

²⁵ Wesley Carlos de Abreu. *A Filosofia Moral em Adorno: Sobre a vida danificada no mundo administrado*, cit., p.12.

“Pela mediação da sociedade total, que engloba todas as relações e emoções, os homens se reconvertem exatamente naquilo contra o que se voltara a lei evolutiva da sociedade, o princípio do eu: meros seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na coletividade governada pela força. Os remadores que não podem se falar estão atrelados a um compasso, assim como o trabalhador moderno na fábrica, no cinema e no coletivo.”²⁶

Adorno e Horkheimer demonstram que há uma força que vai contra o caráter natural evolutivo da sociedade, que reduzem os homens a seres genéricos governados por uma força, que vista dialeticamente faz vir a tona uma violência quando não explícita, implícita nas relações sociais do homem moderno.

O ápice desse movimento se dá quando a racionalidade da técnica e a racionalidade do domínio coincidem, porque ao visarem a produção em série e a homogeneização, as técnicas de reprodução sacrificam a distinção entre o caráter da própria arte e do sistema social. A consequência disso é que a técnica passa a exercer um enorme poder sobre a sociedade, pois as circunstâncias que favorecem esse poder são arquitetadas pelos economicamente mais fortes²⁷.

“O fato de não serem mais do que negócios, basta-lhes como ideologia”²⁸. Enquanto negócios seus fins comerciais são coordenados por uma sistemática exploração de bens considerados culturais. Essa exploração é o que Adorno chamará de “Indústria cultural”. Assim, essa indústria se interessa nos homens apenas como consumidores ou empregados, reduzindo todos à condição de representantes de seus interesses.

²⁶ Adorno & Horkheimer, *Dialética do Esclarecimento*, cit., p.47.

²⁷ Adorno & Horkheimer, *Dialética do Esclarecimento*, p.100

²⁸ Idem.

1.2 - A Indústria cultural

A indústria cultura descrita por Adorno e Horkheimer, na obra *Dialética do Esclarecimento*, é uma sistematização técnico-científica que visa o controle da cultura de massas. Esse controle se dar tanto pelos meios midiáticos, quanto pelas formas sociais que os indivíduos se expressam dentro da sociedade. Nessa tese, os autores demonstram que todos os extratos sociais estão a mercê desse controle. Para os teóricos de Frankfurt as entidades culturais já tinham virado mercadorias e a cultura se tornado indústria, sendo esse termo agora usado como padronização²⁹. O modo de se divertir, as mídias, até mesmo as construções habitacionais possuem mesmo objetivo:

“O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo e todos o são em conjunto. [...] Os decorativos prédios administrativos e os centros de exposição industriais mal se distinguem nos países autoritários e nos demais países. [...] Do mesmo modo que os moradores são enviados para os centros, como produtores e consumidores, em busca de trabalho e diversão, assim também as células habitacionais cristalizam-se em complexos densos e bem organizados”³⁰.

Essa análise é profunda do ponto de vista social, porque demonstra que os indivíduos que compõem a vida social, necessariamente são tragados por esse sistema totalitário de controle. Como exemplos, os autores, citam os cinemas e suas reproduções, onde tudo é desenhado e exposto de maneira que esses filmes ou sagas façam o caminho enfadonho do prolongamento do seu cotidiano como norma³¹.

A fama dos astros de cinemas, o culto *Hollywoodiano*, nada mais é do que mecanismos sociais que nivelam tudo que chama a atenção e os mesmos não passam de modelos que supre uma indústria de dimensão mundial que lucra somas

²⁹ Tom Bottomore, Dicionário do pensamento marxista, p.192.

³⁰ Adorno & Horkheimer, *Dialética do Esclarecimento*, p.100.

³¹ Adorno & Horkheimer, *Dialética do Esclarecimento*, p.104.

inimagináveis se valendo do controle das massas³². O nascimento dos talentos é de forma tão umbilical que mesmo antes de surgirem já estão integrados a indústria cultural, pois é exatamente o que o público está aguardando.

Não há espaços pra divagações fantasiosas para esse expectador o que realmente existe é o poder dos economicamente mais fortes dominando as ferramentas técnicas-científicas para exercer o poder de controle. Isso explica como a vida danificada perdura por tanto tempo em um ciclo de reprodução infinita que a torna socialmente aceita como regra.

Entretanto se torna um problema grave para os autores, por se tratar da reprodução e formação do homem genérico, isto é, o homem que é facilmente substituído por cópias exatas e ideais para a manutenção da indústria cultural. Ele próprio como indivíduo é o puro nada dentro de uma religião do sucesso onde se permanece rigidamente agarrado na esperança de emancipação falsa³³.

Nessas reproduções sociais, por meio do cinema principalmente, vemos um grande desenvolvimento de sagas de heróis onde realçam que o esforço para superar um problema ou um vilão passa por uma série de etapas que fazem os expectadores se identificarem³⁴: o indivíduo tem o embate, ele decai e necessita repensar seus passos para se reerguer e seguir. Ou seja, no projeto da indústria cultural, esse controle despertará a esperança de que com o esforço sistemático e persistente o indivíduo pode alterar a realidade na qual está inserido meramente por esforço próprio como por competição³⁵.

Além do controle do que assistimos na indústria cinematográfica que nos controla e lucra sistematicamente, até mesmo o pensar, o próprio filosofar, é tragado pelo avanço da técnica. O que o mundo moderno chama de razão é na verdade razão instrumental, subjetiva e manipuladora, serva da doutrinação tecnológica:

“O pensamento enquanto enciclopédia, algo racionalmente organizado, e não obstante descontínuo, assistemático e mais espontâneo, exprime o espírito autocrítico da razão. Esse representa aquilo que escapou da Filosofia, tanto por

³² Adorno & Horkheimer, *Dialética do Esclarecimento*, p.194.

³³ Adorno & Horkheimer, *Dialética do Esclarecimento*, p.120.

³⁴ Adorno & Horkheimer, *Dialética do Esclarecimento*, p.120.

³⁵ Adorno & Horkheimer, *Dialética do Esclarecimento*, p.121.

meio de sua distância crescente em relação à prática quanto por meio de sua integração no funcionamento acadêmico: a experiência do mundo, aquela visão para a realidade cujo pensamento também constitui um momento. [...] De outro modo, o argumento especializado degenera-se em técnica de especialistas desprovidos de conceitos em meio ao conceito, tal como se expande hoje academicamente na assim chamada filosofia analítica passível de ser aprendida e copiada por robôs”³⁶.

O efeito perverso do aprofundamento da mecanização do trabalho se reflete na imensa crise de desemprego resultante do aproveitamento industrial da informática, na geração sistemática de continentes de excluídos da fruição dos bens sociais e na ampliação e intensificação inimagináveis dos mecanismos de controle e manipulação da opinião pública pela indústria cultural³⁷.

Com esses variados aspectos podemos destacar como e em que profundidade a sociedade danificada não funcionaria sem conseqüentemente gerar alienação, reificação³⁸ das relações humanas, completa sujeição dos indivíduos particulares aos interesses dos coletivos monopolistas, enfim, a completa banalização da vida como consequência das contradições que atravessam o modo de estruturação das relações sociais. Em síntese, a indústria cultural, conclui Adorno, destrói a liberdade pessoal.

³⁶ Theodor Adorno, *Dialética Negativa*, p.33.

³⁷ Wesley Carlos de Abreu. *A Filosofia Moral em Adorno: Sobre a vida danificada no mundo administrado*, cit., p.14.

³⁸ Tom Bottomore, *Dicionário do pensamento marxista*, cit. p.464: É o ato (ou resultado do ato) de transformação das propriedades, relações e ações humanas em propriedades, relações e ações de coisas produzidas pelo homem, que se tornaram independentes (e que são imaginadas como originalmente independentes) do homem e governam sua vida.

Conclusão

Por fim, após todo esse percurso conceitual, podemos facilmente notar que com o desenvolvimento da sociedade burguesa desde as primeiras relações de trabalho até os dias atuais, a todo momento se tinha a reprodução de um controle político estatal ou de uma classe dominante que fortalecia e mantinha os detentores do poder de manipulação no controle das massas. Assim, mesmo com as resistências como exemplificamos, no surgimento das máquinas e nas leis fabris concluímos que já nas análises de Marx tínhamos o começo das sociedades administradas.

Com Marx podemos notar que, na crítica a Feuerbach, já se rasga o véu ao demonstrar que o indivíduo é sim influenciado por uma constituição histórica cultural e assim sujeito a suas regras e oscilações. Na mesma linha em, *O Capital*, há outra constatação importante de se fazer no que corresponde ao surgimento do maquinário *versus* a violência exploratória dos trabalhadores fabris da época. Fica assim demonstrado que as conquistas dos trabalhadores fabris custaram mais do que audiências e encontros nos parlamentos: vidas foram interrompidas e inocências tiradas.

O maquinário industrial serviu para o burguês não só para lhe fornecer vultosos lucros, mas também como respaldo para justificar a velocidade que escravizava e deteriorava a classe proletária. Marx demonstra a covardia e o cinismo burguês ao citar as defesas que os primeiros donos das fábricas. Um argumento forte que perdurou em muitas audiências era de que investir nas fábricas fortalecia o país e assim toda sorte de mazelas seriam compensadas futuramente. Aqui mais do que nunca, fortalece que há sim problemática grave entre progresso e desenvolvimento humano, entre liberdade e repressão, entre vida e produção.

Com a indústria cultural isso fica mais nítido por demonstrar que racionalmente, por meio da técnica e da ciência se desenvolve os controles para que se executem algumas das catástrofes que a humanidade já vivenciou no passado e que ainda

rondam o imaginário. Ou seja, a partir do momento que esse controle é pensado ele se torna muito perigoso por expor a capacidade de manipular, alienar e até mesmo alterar as bases da história já contada. E isso se faz de forma muito simples alterando da noite pro dia as bases educacionais. O ensino técnico exclusivamente para as fileiras das fábricas é um clássico exemplo dessa problemática, porque quanto mais formo para o trabalho das fileiras técnica fabril menor será a quantidade de dinheiro investido para conter os insatisfeitos com as mazelas sociais. Proporcionar a subsistência, por vezes decadente, arrefece boa parte do potencial de revolução para a vida boa, a vida não danificada.

Esse desenvolvimento pensado nunca avança sem cumprir com seus objetivos de controle. O avanço nas telecomunicações com o uso de *smartphones* é o maior desafio que temos no século, porque a velocidade instantânea da troca de informações já alterou governos, assassinaram inocentes e fortaleceram as organizações de grupos extremistas antes dispersos, mas agora super conectados e articulados. Um exemplo é o avanço da extrema direita no mundo minimizando o que foi o nazismo alemão dando voz para monstros que outrora estavam adormecidos na escuridão, mas que agora são convocados a desfilar em plena luz do dia sem se preocupar com o julgamento que irão despertar por se sentirem confortáveis em se expressar novamente em um mundo que já foram suprimidos e tidos como extintos.

Ora, essa vulnerabilidade que principalmente os fatos históricos possuem é perigosa para o andamento social pleno. A partir do momento que renasce, com as devidas adaptações da época, ideologias preconceituosas, segregadoras e violentas como o nazismo, a insegurança social renasce e o instinto de sobrevivência aflora. É como se o Estado não fosse capaz de conter o fluxo intenso do sangramento que vem sofrendo e tivesse suas vulnerabilidades históricas reabertas. É nesse momento que podemos pensar a vida danificada como conjunto de vivências que nos expõe a uma barbárie sistemática em prol de um produto ou ideia, que está em moda no momento e é provedora de lucro.

Assim, racionalmente todo o modo de produção social passa a exercer o controle da vida das pessoas. Mas como podemos combater essa reprodução social que colonizou todo o lazer, o trabalho, a produção industrial, a produção acadêmica, ou melhor, a totalidade? A única e melhor ferramenta será a educação. Com ela

poderemos ter a esperança de com o trabalho do pensar, de alguns pressupostos e princípios, poderemos avançar em meio a barbárie.

A educação tem papel importante nessa busca principalmente para Adorno, com sua ferramenta principal será a dialética moral negativa. Com essa ferramenta do pensar Adorno estabelece um contraponto a moral positiva, trabalhando assim na questão de subverter a tradição, levando em consideração possuir como princípio moral, fatos históricos que não desejamos que se repita como o nazismo alemão³⁹.

“Uma educação – melhor, um treinamento – que prepare pessoas para se tornarem excelentes robôs, autômatos incapazes de encontrar o humano na outra pessoa, massas deslumbradas com o hipnótico da cultura de massa que consomem ou sonham em consumir, não apenas extingue no ser humano seu potencial de humanidade, mas o conduz coletivamente a novas situações de estilo Auschwitz – extermínio do próprio homem e da natureza em um processo de automatismo inconsciente. É contra isso que a educação tem de se levantar, e é a resistência a tal estado de coisa que se pode chamar de humanização. A fragmentação dos elos sociais, a substituição da ética pelas convenções, das pessoas de carne e osso por indivíduos formais, a transformação do mundo numa máquina e das pessoas numa engrenagem dessa máquina, tudo isso é simultaneamente causa e consequência da incapacidade de amar, ou seja, de ver no outro mais que um competidor ou um concorrente. Quebrar este círculo vicioso monstruoso é a tarefa por excelência da educação; e podemos perceber claramente que, para Adorno, educação e humanização são termos diferentes para designar algo igual: um processo de resistência criativa à coisificação seja ela sutil ou abertamente violenta, das pessoas.”⁴⁰

Nenhuma educação tem sentido se não leva em conta o que aconteceu nos campos de concentração nazistas: morte. Assim, o processo de humanização necessita de uma proposta de realização de mundo onde acontecimentos como o nazismo não possa mais ter lugar⁴¹. Com esse pensamento podemos concluir que de nada serve a racionalidade ao ser humano se ela pode ser manipulada de maneira a justificar atrocidades.

Auschwitz foi a barbárie que a educação deve ter como principal inimiga, mas antes de entendê-la temos que analisar as condições que a geraram de maneira a

³⁹ Wesley Carlos de Abreu. *A Filosofia Moral em Adorno: Sobre a vida danificada no mundo administrado*, cit., p.121.

⁴⁰ Wesley Carlos de Abreu. *A Filosofia Moral em Adorno: Sobre a vida danificada no mundo administrado*, cit., p.123.

⁴¹ Wesley Carlos de Abreu. *A Filosofia Moral em Adorno: Sobre a vida danificada no mundo administrado*, cit., p.122.

conter a regressão, que apesar de assustador, a todo momento a sociedade está sendo empurrada para algo que a culminaria novamente⁴². Isso se dar porque a barbárie se encontra inserida dentro do processo civilizatório e mantém viva dentro de si esse elemento desesperador que tememos, mas muitas das vezes não sabemos neutralizá-lo⁴³. Segundo Adorno, a única maneira de combater é entendendo os mecanismos e identificando para que por meio de uma consciência geral possamos evitar que esses acontecimentos voltem a acontecer. Assim, antes das pessoas golpearem para todos os lados sem auto-reflexão e crítica, a educação aparece como ferramenta voltada para esse cuidado reflexivo obrigatório⁴⁴.

“Benjamin percebeu que, ao contrário dos assassinos de gabinete e dos ideólogos, as pessoas que executam as tarefas agem em contradição com seus próprios interesses imediatos, são assassinas de si mesmas na medida em que assassinam os outros. Temo que será difícil evitar o reaparecimento de assassinos de gabinete, por mais abrangentes que sejam as medidas educacionais. Mas que haja pessoas que, em posições subalternas, enquanto serviçais, façam coisas que perpetuam sua própria servidão, tornando-as indignas; que continue a haver Bojeis e Kaduks, contra isto é possível empreender algo mediante a educação e o esclarecimento⁴⁵”.

Ora, para que esses mecanismos da barbárie sejam freados, a única certeza que temos é a de que podemos pelo menos fortalecer nossa pré-consciência para que o extremismo não se propague, mas ainda assim segundo a citação acima, é impossível de se conter o surgimento dessas anomalias no Estado. Portanto tratar para que não ocorra novamente episódio semelhante a Auschwitz, o primeiro ponto, é se valer de uma filosofia e sociologia que informe sobre o jogo de forças que estão localizados por trás da superfície dos modelos políticos⁴⁶. O segundo ponto é tratar criticamente os conceitos, muita das vezes intocáveis, como o da razão de Estado que comumente tem seus direitos acima dos de seus integrantes⁴⁷. Ou seja, uma educação que tem como base esse foco no estudo sistemático dos mecanismos de Estado nos proporcionará maior resistência a esses projetos extremistas que são

⁴² Educação após Auschwitz, cit. p.1.

⁴³ Educação após Auschwitz, cit. p.2.

⁴⁴ Educação após Auschwitz, cit. p.3.

⁴⁵ Educação após Auschwitz, cit. P.8.

⁴⁶ Educação após Auschwitz, cit. p.8.

⁴⁷ Idem.

principalmente ligadas aos projetos nacionalistas que estão em uma crescente nos séculos XX e XXI.

Por fim, ao longo de todo estudo, a vida danificada que Adorno analisa é constituída de um mundo deformado, com linguagem explorada pela violência, autoengano gerado pelo trabalho e o comércio cultural, que são entre outros os promotores da inibição do pensamento. Assim, devemos ter o pensamento como o porto seguro para através dele consigamos executar a mudança do cenário sombrio para o cenário onde não exista alguma realidade escondida, dúbia ou mascarada, que impossibilite o oposto da vida danificada: a vida boa.

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 1ª. Edição brasileira coordenada e revista. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: o que é o Esclarecimento*. Tradução Luiz Paulo Rouanet. Brasília: Casa Das Musas.

ADORNO & HORKEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução Guido Antonio de Almeida. Reimpressão 2006. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

ADORNO, Theodor W. *Minima Moralia, Reflexões a partir da vida lesada*. Tradução: Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

MARX & Engels. *O Manifesto Comunista*. 1ª Edição. São Paulo: Boitempo, 1998.

Marx & Engels, *Ideologia Alemã*, 1ª Edição. São Paulo: Boitempo: 2007.

MARX, Karl. *O Capital: Crítica da economia política, Livro I*. 1º edição revista. São Paulo: Boitempo, 2015.

MARX, Karl. *Os Pensadores: Marx. Seleção de textos de José Arthur Giannotti*; Traduções de José Carlos Bruni. 2º edição. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

HARVEY, David. *Para Entender o Capital*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo 2013.

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*, 2ª Edição, Rio de Janeiro: ZAHAR 1988.

JAY, Martin. *A Imaginação Dialética: História da Escola de Frankfurt e do Instituto de pesquisas sociais*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

ABREU, Wesley Carlos de. *A Filosofia Moral em Adorno: Sobre a vida danificada no mundo administrado*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará, ICA, Fortaleza, 2016.

THOMSON, Alex. *Compreender Adorno*. Trad. Rogério Bertoni. Petrópolis: Vozes, 2010.

ADORNO, Theodor W. *Educação após Auschwitz*, palestra publicada em *Zum Bildungsbergriff der gegenwart*, Frankfurt, 1967.